

UNIDADE 30 – 08/11/2016

PROGRAMA INÉDITO – REVISÃO: SER OU NÃO SER UMA QUESTÃO?

Antes de iniciar a discussão sobre revisão, temática deste programa, gostaria de apresentar algumas questões que vêm norteando as minhas ações em sala de aula, na relação com os estudantes e com os conhecimentos das diferentes áreas de ensino. A primeira é a crença de que todos são capazes de aprender e, para isso acontecer, o professor precisa planejar, de modo que ofereça condições para que as aprendizagens ocorram. Acredito na escola como espaço/tempo institucional de acesso ao conhecimento. A segunda é que os estudantes, desde os anos iniciais, têm como compreender e desenvolver a consciência de que são protagonistas dos seus processos de aprendizagem.

Para que essas crenças se materializem, é fundamental possibilitar aos estudantes, o quanto antes, nas diferentes disciplinas que integram o currículo escolar, o contato com a diversidade de textos para que possam ampliar as suas capacidades comunicativas, tornando-se competentes para ler, escrever e interpretar os textos que circulam socialmente.

Como diz Cecília Goulart, em seu texto *Ofereça o Lápis e Papel! É Possível Escrever Logo que Se Entra na Escola*, precisamos oferecer lápis e papel. Não temos mais como adiar, abrindo mão de transformar a realidade social, o acesso dos alunos à leitura e à escrita. É preciso oferecer lápis e papel assim que entram na escola, com propostas pedagógicas previamente planejadas por nós, professores, para que os estudantes fiquem à vontade para escrever textos de autoria, mesmo que esses tenham “erros ortográficos”, equívocos de uso da pontuação, lacunas que nos impeçam a compreensão do que escrevem e falta de outros recursos linguísticos que os aproximem da norma culta.

Afinal, qual de nós não comete seus deslizes quando escreve e revisa os textos? O que precisamos pensar é se desejamos privilegiar a escrita correta à construção de autoria e criticidade ou se desejamos que as duas ocorram ao longo do processo de escolarização dos estudantes. “(...) O educador que, ensinando geografia, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se (...)” Freire, 1998, p.63.

UNIDADE 30 – 08/11/2016

Ao escolher a segunda opção, com a qual me identifico, precisamos ter a consciência de que teremos que percorrer uma longa caminhada com os alunos porque estamos lidando com conhecimentos de natureza conceitual, que não são, portanto, aprendidos através de processos de treinamento, como entendíamos e valorizávamos anteriormente, mas são aprendidos em processos de interação e é por isso que reconheço a importância da escola em se comprometer com a socialização desses conhecimentos, embora não se esgotem nesse espaço/tempo.

Antes de tocarmos propriamente na revisão, precisamos falar um pouco da escrita, afinal, vamos revisar os textos que produzimos ou os que são produzidos por outros. Só assim a revisão faz sentido. Cabe ressaltar que são os aprendizes que determinam as suas dificuldades, na medida em que escrevem e se deparam com as dúvidas e conflitos. Diante dessas situações é que têm a possibilidade de refletir sobre as convenções da língua escrita.

Ao revisarem seus textos, precisam se deslocar da função de escritor para leitor de suas produções. Complexo, não? Nessa condição, precisam identificar os erros ortográficos, a falta de pontuação e de legibilidade. Muitas vezes escrevem frases com ideias incompletas, e ainda outros aspectos que envolvem o conhecimento linguístico. Como darão conta de todas essas preocupações ao mesmo tempo e num espaço de tempo curto?

Seria possível isso ocorrer sem a intervenção do professor? O conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky nos ajuda a compreender o quanto a intervenção do professor é imprescindível no momento do aprendizado dos conteúdos escolares. É preciso levar em consideração o nível de desenvolvimento potencial dos alunos para que possam se beneficiar da ajuda do professor, que oferecerá informações para que possam desempenhar suas revisões com mais autonomia, transformando em conhecimento real o que fora potencial. Impulsionando o aprendizado, o processo de desenvolvimento desencadear-se-á e, à medida que forem acontecendo diversas atividades de revisão, terão novos e mais progressos e elementos para analisarem os seus próprios textos.

UNIDADE 30 – 08/11/2016

Com base nos argumentos de Vygotsky, precisamos organizar as atividades de revisão de acordo com os diferentes níveis de conhecimento dos alunos. Não é comum um aluno de 1º ano, que ainda se encontra em fase de alfabetização, ter condições de revisar textos narrativos com autonomia. Os registros nessa fase ainda estão muito próximos da fala. No entanto, fico pensando: “quando realizo uma intervenção, como exemplificarei, em seguida, em classes de alfabetização, com alunos que já se encontram com escrita alfabética, em atividade de reescrita de textos de parlendas, quando sinalizo a omissão de letras, a troca de letras, o excesso de letras, já não estarei buscando desenvolver com ele a sua capacidade de rever o que produz e de não se satisfazer, prontamente, com o que produziu? Sempre pode melhorar!” Estou provocando-o a refletir sobre a sua escrita e solicitando que retorne ao texto e o refaça. Exemplo: Professora: “Tem letra faltando. Qual será?” Aluno: “É o s?” Professora: “Sim, é o s”.

Para que avancem em suas competências escritoras, pensamos em estratégias que minimizem suas preocupações durante as atividades de revisão. Por exemplo: em determinada atividade, posso privilegiar a revisão da pontuação, já em outro momento, a coesão e a coerência, e ainda em outro, o uso da letra maiúscula e minúscula, e assim vamos construindo conhecimentos, “(...) desenvolvendo no cotidiano escolar uma atitude geral de curiosidade sobre a língua escrita como um objeto de conhecimento cujos detalhes podemos desvelar (...)”, como afirma Artur Gomes de Morais.

Em clima de interação, isto é, estabelecendo diálogo permanente, vamos compreendendo melhor as regras que justificam por que as palavras são escritas daquele modo, por que usamos sinais de pontuação em determinadas construções frasais e não em outras, as famílias de palavras, quando recorremos a essa informação, enfim, vamos desenvolvendo neles a preocupação de fazer uso da língua escrita corretamente.

UNIDADE 30 – 08/11/2016

Para concluir, farei um breve relato de experiência que tive em sala de aula, ao desenvolver o Projeto de Fábula em uma turma de 2º ano de escolaridade. Quando terminam o primeiro ano, alguns ainda estão se apropriando da escrita convencional. Por isso adotamos a reescrita, para que os alunos possam participar de situações de escrita de textos reais ao mesmo tempo em que garantem o uso com mais segurança do sistema alfabético. Escolhemos o gênero fábulas por se tratar de um texto narrativo curto, o que facilita a memorização para a reescrita. As crianças gostam da moral e dos personagens, que normalmente são animais. Recorremos à memorização desses textos para que possam reescrevê-los, após desenvolvermos um trabalho de leitura e de análise, compreendendo a memorização, como é para Vygotsky, como uma função intelectual superior, o que implica saber o texto de cor, mas com compreensão e apropriação, diferenciando-se de uma memorização voltada para o treino. Segundo o autor, não há separação entre as ideias da criança sobre a realidade e aquelas que foram influenciadas pelos adultos, principalmente as que envolvem esforço mental. A criança, ao formar um conceito, traz as marcas de seu pensamento. Sendo assim, quando ela reconta ou reescreve o texto, revela as suas próprias marcas, que são inseparáveis das interações de que teve oportunidade de participar.

No trabalho de análise dos textos, chamamos a atenção dos alunos para que observem a pontuação. Os textos de fábula trazem a marca do uso do discurso direto devido à presença de diálogos entre os personagens. Esse também é um dos motivos que interferem na nossa escolha. Vamos levantando com os alunos esses conhecimentos, levando-os a perceber os motivos do uso daquela pontuação naquela construção. Em tom de indagação e provocação, levamos esses alunos a pensar. Quase sempre descobrem e nos respondem. A ideia é informá-los e oferecer elementos para que possam ampliar as suas possibilidades de reflexão. Esses momentos de interação na sala de aula são momentos ricos para trocarmos os nossos saberes e aprendermos uns com os outros. Temos a oportunidade de conhecer o quê e como os nossos alunos estão pensando. Temos a oportunidade de nos surpreender e nos alegrar com os conhecimentos que têm. Vale lembrar que registramos as conclusões no bloção que temos em sala. Exemplo: interrogação -? Usamos em caso de pergunta. O bloção fica à disposição dos alunos para que consultem e façam uso no momento da reescrita.

UNIDADE 30 – 08/11/2016

Fazemos o mesmo em relação à ortografia. Solicitamos que levantem as suas dúvidas. Qual a dúvida que você acha que terá no momento em que for reescrever o texto? Ratificamos o que já foi dito anteriormente: quem determina a dúvida é o aprendiz. Partindo das dúvidas que levantam, discutimos as regras ortográficas, as famílias das palavras etc. Organizamos tarefas pontuais que são colocadas em discussão para o grupo. Exemplo: lendo as reescritas da turma, observei que alguns alunos escreveram a palavra correr de modos diferentes. Qual será o modo correto e por quê?

Correr	corer	corre	core
--------	-------	-------	------

No momento da reescrita do texto de fábula, o aluno já conta com uma série de informações prévias que, sem dúvida, contribuirão para sua autonomia como escritor/revisor. No momento da revisão, quando solicito que leia o texto em voz alta e ele se depara com a falta de uma parte significativa da narrativa, que esteja comprometendo a compreensão, ele próprio poderá perceber que faltou algo importante para que seu texto se torne legível para o leitor. Também pode não perceber e será preciso contar com a ajuda do professor ou dos colegas que o escutam, sinalizando a falta do fragmento. A partir dessa experiência, terá a oportunidade de desenvolver, de modo iniciante, a preocupação de ser compreendido pelo leitor. Precisamos desenvolver várias atividades que os levem a refletir sobre o que escrevem. Quando terminamos o ano letivo e apresentamos para a comunidade a finalização dos nossos projetos, os textos de fábulas são apresentados em forma de cartazes, com lindas ilustrações, depois de passarem por várias revisões.

Espero ter colocado em questão a temática da revisão, enfatizando que se trata de um trabalho contínuo e que nos exige planejamento prévio e estudo. O trabalho não se esgota nos primeiros anos de escolaridade e o papel do professor, por se tratar de um conhecimento social, é de extrema relevância. Só formaremos revisores na escola se os alunos tiverem oportunidade de participar de situações de ensino nesse campo de conhecimento.

Stella Maris Moura de Macedo

Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense

Ex-professora de Rede Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro

Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental do Instituto Fernando Rodrigues da Silveira –

Cap/UERJ

INTERAÇÕES

PEDAGÓGICAS

MÓDULO 1º AO 3º ANO

UNIDADE 30 – 08/11/2016

Referências bibliográficas:

GOMES, Artur de Moraes, Ortografia: ensinar e aprender, Editora Ática, São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa, Editora – Paz e Terra, São Paulo, 1998.

GOULART, Maria Cecília, Ofereça o lápis e o papel! É possível escrever logo que se entra na escola, Programa gravado para Um Salto para o Futuro, Série XII- Ensino Fundamental- Programa nº 17.

VYGOTSKY, L.S. - Pensamento e Linguagem, Martins Fontes, São Paulo, 4ª Edição, 2008.

_____ - A Formação Social da Mente, Martins Fontes, São Paulo, 1994.